
TEATRO DRAMÁTICO

Brasileira de Paris | Adeus Doutor | Dora não pode morrer



betty milan

TEATRO DRAMÁTICO

Brasileira de Paris | Adeus Doutor | Dora não pode morrer

**DRAMATURGIA
BRASILEIRA**

giostri

Título Original

Teatro de Betty Milan – Teatro Dramático

copyright Betty Milan, São Paulo, 2015

Reservam-se os direitos desta edição à:

GIOSTRI EDITORA LTDA.

São Paulo - SP - República Federativa do Brasil

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-8108-651-4

CDD: B869-2

Editor Responsável Alex Giostri
Assistente Editorial Bruna Miwa
Capa Karolyna Papoy
Diagramação Michel Kennedy
Revisão Final de Texto Giostri Editora Ltda.

Milan, Betty

Teatro de Betty Milan – Teatro Dramático

1ª. Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2015

1 – Dramaturgia brasileira - teatro
2 – Técnicas de interpretação

1º título: Teatro de Betty Milan

2º título: Teatro Dramático

1ª Edição

Giostri Editora Ltda.

Giostri Editora | Rua Dona Avelina, 145 | Vila Mariana - SP

São Paulo • SP • CEP: 04111-010 | Tel.: (011) 2537-2764

contato@giostrieditora.com.br | www.giostrieditora.com.br



giostrieditora.blogspot.com.br



facebook.com/giostrieditora



Brasileira de Paris
Dora Não Pode Morrer
Adeus Doutor
Adeus Doutor
Dora Não Pode Morrer
Brasileira de Paris
Dora Não Pode Morrer
Adeus Doutor
Adeus Doutor
Dora Não Pode Morrer
Brasileira de Paris
Dora Não Pode Morrer
Adeus Doutor
Adeus Doutor
Dora Não Pode Morrer
Brasileira de Paris
Dora Não Pode Morrer
Adeus Doutor
Adeus Doutor
Dora Não Pode Morrer
Brasileira de Paris

Sumário

Apresentação.....9

Brasileira de Paris.....11

Adeus Doutor.....45

Dora não pode morrer.....78

Apresentação

Depois de ter se dedicado ao teatro lírico, Betty Milan escreveu três peças dramáticas: *Brasileira de Paris*, *Adeus Doutor* e *Dora não pode morrer*.

Brasileira de Paris focaliza a vida de duas mulheres que moram em Paris, a paulista Doroteia e a cearense Flor. Doroteia interrompeu a carreira de atriz no Brasil para se casar na França. Além do marido, François, ela tem um amante, Fio. Flor é faxineira no apartamento de Doroteia e, como esta, além do marido, o português Manoel, ela tem um amante, Mon Chéri. A peça apresenta, portanto, dois triângulos. Mas François e Manoel têm condutas antagônicas. François é um libertino assumido e defende a liberdade sexual. Manoel é um alcoólatra machista, que bate em Flor e a trata de “puta”. A ação corresponde ao modo como os triângulos se desfazem. Termina com a volta das mulheres para o Brasil, onde Doroteia retoma a carreira de atriz e Flor se torna camareira.

Trata-se de uma sátira da libertinagem e do machismo. Tanto recusa a ideologia do libertino, que é contrária ao amor, quanto a ideologia machista, que desautoriza o desejo feminino. Escrita em 2005, *Brasileira de Paris* foi lida em São Paulo, em 2006, no Dia Internacional da Mulher, no Teatro da Folha, e, em 2007, no Teatro Oficina. As duas leituras foram feitas pelo elenco do Teatro Oficina, com direção de Marcelo Drummond.

Adeus Doutor evoca o romance da autora *O Papagaio e o Doutor*. A protagonista da peça e a heroína do romance têm o mesmo nome: Seriema. O drama dela é o de uma ocidental descendente de orientais. Suas ancestrais precisavam dar à luz um primeiro filho homem para satisfazer à expectativa da família. Consequentemente, a gravidez se torna um problema na vida da personagem, que só descobre o motivo de não poder dar à luz fazendo análise. Seriema deseja inconscientemente satisfazer ao desejo do próprio pai, que nunca a autorizou a ter um homem na vida. Graças à escuta do analista, ela deixa de ser vítima do seu inconsciente, conquistando a possibilidade de escolher um pai para o filho e se tornar mãe.

A peça foi traduzida para o francês pela autora e pelo poeta Jean Sarzana. Houve uma primeira leitura dramática, na França, em 2009. Foi feita no Théâtre du Rond-Point, de Paris, com direção de Jean-Luc Paliès. Seguiu-se, em 2010, uma segunda leitura em São Paulo, no Sesc Santana, com Bete Coelho no papel de Seriema e José Celso Martinez Corrêa no do analista.

Na mesma trilha de *Adens Doutor*, que evidencia a existência do inconsciente, Betty Milan escreveu *Dora não pode morrer*, sobre o câncer e a loucura. A peça revela a importância da história subjetiva do doente para a cura.

Dora, a protagonista, é médica e uma grande esportista. Considera que sua saúde é infalível. Apesar de ter um bócio, faz pouco do controle da tireoide. Ao contrário de Dora, sua irmã, Vera, que teve um câncer e se curou, obedece cegamente o médico. Pressionada por Vera, Dora vai ao controle. O clínico aventa a possibilidade de um câncer e confirma a urgência. Além de inesperada, a reação da paciente é inexplicável. Recusa a operação, porque “não pode morrer”. Acaba, no entanto, se operando. O nódulo é maligno e ela quer se suicidar. Vera consegue apaziguá-la. Procura fazer a irmã aceitar o diagnóstico e se tornar uma aliada do próprio corpo.

Ao sair do hospital, Dora culpa o clínico: “Devia ter mandado operar antes”. Vera chama sua atenção, lembrando o que ela dizia: “— Não posso me operar. Agora não... Só depois da tese... no fim do ano”. Graças à escuta paciente de Vera, Dora enfim se pergunta por que correu o risco de morrer. Descobre, primeiro, que queria satisfazer ao desejo impossível da mãe: o de ter dado à luz uma filha invulnerável. Depois, que desacreditou do tratamento porque o pai morreu de câncer. Ou seja, arriscou-se por razões inconscientes. *Dora não pode morrer* permanece inédita.

BRASILEIRA DE PARIS

(Peça em um só ato)

PERSONAGENS

Doroteia: Atriz brasileira em Paris

François: Marido de Doroteia

Fio: Amante de Doroteia

Flor: Empregada de Doroteia

para Cleide Eugênia Sampaio

CENA 1

Paris. Doroteia e Fio estão andando na rua.

DOROTEIA — Sabe o que eu escrevi para o meu marido?

FIO — Para quem?

DOROTEIA — Para François, ora.

FIO — Não, não sei o que você escreveu. Diga.

DOROTEIA — Mandei uma carta agradecendo...

FIO — Agradecendo o quê?

DOROTEIA — Por incrível que pareça, agradei o fato de ele ter se casado comigo. François é um marido ausente, só faz o que passa pela cabeça dele. Mas me dá inteira liberdade.

FIO — Você é tão estranha! Vive se queixando... que foi obrigada a largar o teatro por ter se casado com ele.

DOROTEIA — Isso é verdade. Se estivesse no Brasil, eu estaria no teatro, mas, se eu não tivesse encontrado o François, teria tido que me casar no Brasil.

FIO — E daí?

DOROTEIA — Daí que eu corria o risco de suportar um “sou macho sim senhor” a vida inteira; ficar com um sujeito indiferente às mulheres. Para quem todas são iguais. Eu hein? Preferi me casar com um parisiense. Não pude mais viver descalça e tive que aprender a fazer biquinho para falar — e, u —. Mas o biquinho, meu bem, também serve para beijar. *(Doroteia faz biquinho e dá um beijo estalado em Fio. Depois, elas se dão as mãos e continuam a andar até um canteiro de rosas cor de champanhe, diante do qual elas param)* Rosas cor de champanhe! Pensar que, no dia do meu casamento, o Sampaio me mandou vinte e quatro.

FIO — Quem?

DOROTEIA — O Sampaio, um amigo brasileiro... Mandou entregar dentro do avião. No dia em que eu embarquei para me casar aqui. Aquilo é que era paixão! O resto é conversa! Aceitou a realidade dos fatos e partiu para a celebração. Rosas para a minha brasileira de Paris.

FIO — O Sampaio, de indiferente às mulheres então não tinha nada...

DOROTEIA — Não sei como ele era com a esposa, fez dez filhos nela. Um atrás do outro. Depois, cortou os pulsos, alegando que precisava mudar de ares.

FIO — Como?

DOROTEIA — Precisava mudar de ares matrimoniais. Cortou os pulsos e era sangue escorrendo e ele me telefonando. Dizendo que daria qualquer coisa para... comigo. *(Com um gesto indicativo de sexo)* Que podia ser até no elevador. Me mandei para cá. Tenho horror de gente que ameaça se suicidar. Sacanagem, você não acha? *(Fio não responde)* Acha, sim.

FIO — Já reparou que você faz a pergunta e você mesma responde?

DOROTEIA — Verdade. Desandei a falar por causa das rosas, da cor de champanhe. Quero tomar uma taça. Vamos? *(Fio volta-se para o público e tira os bolsos vazios da calça. Faz uma cara de Chaplin chorando. Enquanto isso, de olhos fechados e mãos pendentes, como quem sonha, Doroteia repete a palavra champanhe. Abre os olhos, já tirando um cartão de crédito da bolsa)* Vamos que François paga.

FIO — Quem?

DOROTEIA — François, o meu marido. *(Soliloquio)* François sabe que estou com Fio, mas faz de conta que não sabe. Para ele, casamento é casamento, indissolúvel. Todo libertino é assim, pula a cerca e deixa pular, mas não se separa. Isso não.

CENA 2

Doroteia e Fio entram num bistrô e se sentam à mesa. Ouve-se C'est si bon, de Jean Sablon.

FIO — Champanhe rosé ou branco?

DOROTEIA — Isso lá importa? Champanhe.

FIO (*Examina detidamente o cardápio antes de pedir*) — Veuve Clicquot, por favor.

DOROTEIA (*Faceiramente*) — Diz que me ama. Diz.

FIO — Ora, você sabe que eu te amo.

Fio dá um beijo em Doroteia e, nesse preciso momento, chega a garçonete. Ao vê-la, Doroteia quase cai da cadeira.

DOROTEIA — Você, aqui, Flor!

FLOR (*Estarrecida, Flor põe a bandeja com as taças sobre a mesa*) — Dona Doroteia! Por essa eu não esperava. À noite eu venho fazer um bico.

Doroteia apresenta Fio a Flor, indicando-o com a mão.

DOROTEIA — Ele, é dele que eu falo.

Flor cumprimenta e volta para o trabalho.

FIO — Saúde! (*Fio degusta*)

DOROTEIA — Champanhe! (*Levanta a taça e toma de um gole só*) Champanhe! É o que Isabel dizia sempre. Acontecesse o que acontecesse.

FIO — Quem?

DOROTEIA — Isabel, a minha amiga, a atriz portuguesa. Tinha um marido e um amante.

FIO (*Solilóquio*) — Doroteia só podia ter uma amiga como Isabel. Diga-me com quem andas, dir-te-ei quem és.

DOROTEIA — Isabel nunca se separava do amante. Não ia a lugar nenhum sem ele. Já o marido ela encontrava em casa, no hotel dos dois, onde Isabel toda noite recebia um amigo

para jantar. Até o dia em que eles foram à falência. Nesse dia, quando o marido disse que estavam falidos, ela respondeu: “Champanhe, meu bem”. Pouco depois, morreram todos, ela, o marido e o amante, que era fanático por Isabel. Morreram tendo bebido todas!

Flor passa pela mesa onde Doroteia e Fio estão.

FIO — Outra taça, por favor.

FLOR — Uma taça ou duas?

DOROTEIA — Três, se você tomar conosco.

FLOR — Se eu pudesse... (*Flor vai buscar o champanhe requebrando*)

DOROTEIA — Flor usa uma roupa tão extravagante! E a lingerie? Se você visse... Cresceu de tanga e agora não para de comprar um “sutiãzinho novo”. Todo dia é um. Vermelho, roxo, cor-de-rosa... Com renda, sem renda, com alça, sem alça. Tem um que deixa o mamilo à mostra. Uma rodela aberta no sutiã para expor a ponta do seio. Já viu isso?

FIO — Ainda não.

DOROTEIA — E Flor adora me mostrar suas lingerie. Se deixar, ela faz a limpeza da casa de sutiã e fio dental. Tudo comprado na *Galleries Lafayette*, na *Galleries*, como ela gosta de dizer. Para estar certa de que continua em Paris.

FIO — Ou de que está no Brasil, onde ela só usava biquíni. (*Fio fala como se estivesse vendo*) Seja como for, Flor deve ficar linda de lingerie!

DOROTEIA — Pois é! Flor trabalha para comprar lingerie. Para ser tratada de *ma chérie*. Faz qualquer coisa por isso. Suportou até a cadeia.

FIO — Como assim?

DOROTEIA — Foi presa porque, antes de se casar, era clandestina aqui. Não tinha os documentos, a famigerada *carte de séjour*. Foi presa e algemada. Daí, ela me telefonava da prisão: “Dona Doroteia, eu estou na cadeia, algemada com um travesti. Um travesti de biquíni e peruca ruiva. Eles me prenderam e vão me expulsar”.

FIO — Ela foi presa mesmo?

DOROTEIA — Foi e, no dia seguinte, telefonou de novo dizendo: “Não dormi a noite inteira, só comi um pão seco e uma banana. Se não fosse a freirinha, nem fumado eu teria. Porque eles me tiraram tudo, o casaco e a bolsa. Fiquei sem isqueiro, só com o maço de cigarro no bolso”.

FIO — E como foi que ela conseguiu fumar?

DOROTEIA — Não deixando a tal da freirinha dormir a noite inteira. Batia na grade e suplicava: “O isqueiro pelo amor de Deus”. Fazer o quê? A freirinha teve que dar o isqueiro. De cigarro em cigarro, ela acabou convencendo o diretor da prisão a não mandá-la para o Brasil e sim para Portugal. Inventou um noivo em Lisboa, porque assim podia voltar a Paris.

FIO — E o diretor da prisão fez o que ela queria?

DOROTEIA — Fez, lamentando não ser o noivo, claro. Flor deve ter dado um banho de língua nele.

FIO — O quê?

DOROTEIA — Um banho de língua... E tem mais. Ela foi para Portugal e voltou casada com um português que trabalha aqui, um português de Paris, o Manoel, que bebe e bate nela toda noite quando ela não sai de casa para a aula de inglês. Aula com Mon Chéri, claro.

Flor chega com as taças de champanhe. Fio toma um gole.

FIO — Nada mal. *Pas mal.*

DOROTEIA — Nada mal... ora. Você já está no segundo champanhe. Poderia ter dito que está bom. Que modo estranho o seu de dizer as coisas.

FIO — O meu modo é o de todos os franceses, mas você tem razão. *C'est très bon. C'est très bon, ma chérie.*

CENA 3

Doroteia está na sala do seu apartamento. Flor chega com um olho roxo, a bolsa e um espanadorzinho.

FLOR — Estou atrasada porque fui comprar um espanador. Alguém levou o daqui.

DOROTEIA — Ninguém levou espanador nenhum, Flor. Você é que não lembra onde foi que deixou o outro. E isso no seu olho é o quê?

FLOR — O brutamontes, o Manoel. Chegou bêbado, perguntando: “Tem cona hoje?”.

DOROTEIA — Cona é o quê?

FLOR — Perereca, na língua portuguesa dele. “Tem cona hoje?” Respondi mal e ele entrou de sola, me deu um soco.

DOROTEIA (*Desconfiada*) — O que foi que você disse para ele?

FLOR — Que o pau dele, comparado com os dos homens dos filmes pornô, parece um pintinho de bebê.

DOROTEIA — Você deve ser louca, Flor. Onde já se viu dizer isso a um homem! Você é louca de falar tudo o que passa pela sua cabeça e de viver com esse português. Por que você não larga ele?

FLOR — Porque ele me mata. Sai atrás de mim e me mata.

DOROTEIA — Então dá queixa na polícia, ora... Se ele te bater de novo, ele vai para a cadeia.

FLOR — Dar queixa, Dona Doroteia? E se o Manoel descobrir? O jeito é dar o que ele quer. Abro as pernas e fico olhando a televisão. Fico olhando as imagens e pensando no meu Chéri.

DOROTEIA — Deus meu!

FLOR — Às vezes, ele entra em casa e desliga a televisão, o rádio, o computador. Já entra gritando: “Tu és uma desgraçada, tu és uma maluca. Estás aí a ver putarias. Só és capaz disso”. Chegou até a arrancar a tomada do computador. Nesse dia, ele estava completamente bêbado. Abriu a braguilha e ficou gritando: “Quer pau? Toma. Toma pau!” Gritava segurando o toquinho e esmagando entre os dedos para ver se o toco crescia. O toquinho ficou como uma batata roxa e o rosto do Manoel vermelho como um tomate.

DOROTEIA — Que loucura! Chega, Flor. Ainda bem que você tem o seu Chéri...

FLOR — E ainda bem que ele é bom de cama. Se a senhora soubesse... dá as cambalhotas todas que precisa. Se não desse, eu ensinava, porque ele é muito bom.

DOROTEIA — Usa camisinha?

FLOR — Tudo com camisinha, claro. Eu, ein? Só com camisinha e eu ainda verifico se ela está bem colocada. Sou eu mesma que compro, gosto de laranja, cereja, abacaxi... Parece até que a gente está tomando sorvete. Pena que não tenha o sabor das frutas lá de casa.

DOROTEIA — Que frutas?

FLOR — Pitanga, acerola, jaca, cajá, seriguela, cajarana... Como na sorveteria do meu pai. Era de tudo que é sorvete, pirulito de todo sabor.

DOROTEIA — Onde isso?

FLOR — Em Fortaleza, perto da praia. Tão bonita a praia de lá, tanto sol que até urubu cintilava. Ai que saudade!

DOROTEIA — Pitanga como é?

FLOR — Pitanga é vermelha. E acerola, então, como é boa! O suco dela é mais forte do que o da laranja, cinquenta por cento a mais de vitamina C. Ai que saudade! (*O olho todo inchado, Flor se senta cabisbaixa, na frente de Doroteia*)

DOROTEIA — Que tristeza é essa?

FLOR — Vontade de morrer.

DOROTEIA — Desde que eu te conheço, você tem vontade de morrer. Nenhuma patroa aguenta isso. Sobretudo eu, que não sou urubu. Esquece, Flor, você mora em Paris, é zeladora na Rue des Francs Bourgeois, a melhor das ruas da cidade. O que você quer mais? Você conta comigo e com o seu Chéri. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.

FLOR — A volta por cima?

DOROTEIA — Sim. Compre hoje mesmo um sutiãzinho ou um bodyzinho novo.

FLOR — Boa ideia. Vou comprar um *body* com zíper no meio, um que só existe aqui. Melhor de *body* do que nua. Quanto mais a gente esconde, mais a gente mostra.

Aprendi isso com Mon Chéri. Só de pensar nele, eu fico toda molhadinha. (*Flor dança ao som de Chameguinho e Doroteia olha até se dar conta de que está atrasada e sai correndo. Flor para diante do espelho da sala. Vira e se olha de frente, de costas, de lado. Põe um chapéu de aba larga que está pendurado na parede*) Um chapéu! Isso é o que me falta. Mas se eu compro um, o brutamontes me mata. Não é como o marido da Dona Doroteia que deixa ela fazer o que quer. Quer, vai. Desde que ele não seja importunado pelos amantes dela. Como na história que Dona Doroteia me contou. A de um francês que morava no segundo andar da casa para não ouvir a esposa entrar no meio da noite. Isso, só mesmo em Paris. Lá em Fortaleza, quem chega de madrugada é o marido. Chega na ponta dos pés, com um sapato em cada mão. (*Flor anda na ponta do pé*) Se eu pudesse, eu comprava um marido aqui, na *Galleries*. Com a garantia de que ele nunca desceria do segundo andar.

CENA 4

A campainha toca repetidamente e François, o marido de Doroteia, entra afobado.

FRANÇOIS — Doroteia está?

FLOR — Só eu. O senhor quer um cafezinho?

FRANÇOIS — Cafezinho? Quero, claro. *(François tira o casaco e senta para fumar um cigarro)*

FLOR — O senhor pode me dar um?

FRANÇOIS — Claro que posso. Não falei pra você desistir de parar?

FLOR — Mas o senhor não viu o que está escrito no maço? *Fumar mata*. E eles agora colocam uma faixa negra, parece um túmulo.

FRANÇOIS — *Fumar mata*. E viver não mata? Fuma logo o seu cigarrinho e deixa de dar lição de moral. Isso aí no seu olho é o quê?

FLOR — Um soco.

FRANÇOIS — De novo? Você deveria ter vergonha de apanhar. Não sabia que aqui existe o SOS MULHER? Para as vítimas de estupro e violência conjugal. Você manda um e-mail ou telefona e elas te dizem o que você precisa fazer. Homem nenhum tem o direito de bater em mulher. Mas, mudando de assunto, você hoje não fez nada nesta casa. *(Diz isso passando o dedo no tempo da mesa)*

FLOR — Nada é exagero. *(Solilóquio)* Já conversei com Dona Doroteia e com ele.

FRANÇOIS — Não esqueça de passar as minhas camisas. Mas, antes disso, me dá mais um cafezinho, por favor.

FLOR *(Já servindo o café)* — Claro.

FRANÇOIS — Quando foi que o seu marido te deu o soco?

FLOR — Ontem.

FRANÇOIS — Vê se vai logo no médico. Não sei por que você não se divorcia.

FLOR — Já não disse que não posso? O Manoel procurou a ex-mulher até achar. Espancou a portuguesa como se ela fosse de borracha e depois se mandou para cá.

FRANÇOIS — Mas isso foi lá na terra dele. Aqui tem lei, tem polícia, ele não pode fazer isso. O que vale aqui é o direito. Ele não tem o direito de fazer o que faz.

FLOR — Ninguém deixa de ser quem é só porque muda de país. O Manoel passa por cima da lei, da polícia, ele é um tormento. “Vai embora, homem.” Pensa que ele vai? Nada. Tenho que aceitar, apesar do apartamento ser meu, da zeladora do prédio ser eu. O Manoel não passa do marido da zeladora. Por que ele não vai embora? Por que, Deus meu?! Ele tem outra, fala com ela todo dia pelo telefone. Lá de casa mesmo, ele nem disfarça.

FRANÇOIS — Talvez seja melhor não disfarçar.

FLOR — Talvez. *(Solilóquio)* Graças à amante portuguesa eu consigo sair à noite. Bendita seja a portuguesa. Benditas sejam todas as amantes!

FRANÇOIS — E da sua aposentadoria, você já cuidou?

FLOR — Cuidei sim. Mais dez anos e eu chego nos mil euros. Quem diria? Mas custou muito, sabe. Custou ser algemada com um travesti e suportar o Manoel. Não fosse Mon Chéri...

FRANÇOIS — O quê?

FLOR — Quem falou não está mais aqui.

FRANÇOIS — O quê?

FLOR — Eu disse que estou louca por um caqui. *(Flor começa a passar o espanador na casa. François sai e Flor vai novamente para o espelho)* Espelho mágico, espelho meu, faz o olho roxo, o hematoma, não ser mais meu. *(Flor dança como quem transa)*

CENA 5

Doroteia e Fio estão na cama, no Hotel des Mauvais Garçons.

DOROTEIA — Já disse que foram mais de cem homens.

FIO — Mas você havia dito cinquenta. Se você tivesse passado de cinquenta para sessenta, eu até entenderia.

DOROTEIA (*Ao falar dos homens, Doroteia enumera contando nos dedos da mão*) — O Silvio... me bolinou no cinema e depois não quis mais saber. Passei meses esperando na porta de casa para ver se ele aparecia. Qual nada! O Jorge... me namorou durante anos e deixou de me querer no dia em que me desvirginou. Me largou só porque eu gostei de transar. Imagine! Como se ele não tivesse gostado. “Não posso ficar, Doroteia. Você não vai ser fiel nunca.” Acredita? Levei um tempo louco para me conformar. Depois, foi um intelectual feio que eu achava lindo. Ele dizia que até podia ser o melhor dos intelectuais, mas lindo não era. Tinha várias teorias para me explicar por que mulher não precisa ter orgasmo. Dele, quem largou fui eu. Por um moreno de olhos verdes. Um morenaço. Parecido com o Chico Buarque. Fiquei até que apareceu a outra, ou melhor, a Outra, com letra maiúscula. Porque ele era filho de um fazendeiro de café.

FIO — E o que tem o café a ver com a sua história, Doroteia?

DOROTEIA — Tem que o costume dos fazendeiros era ter outra além da esposa. Outra com casa montada, para o que vocês aqui na França chamam de *radada*. (*Diz esta palavra com muito gosto*)

FIO — Você então sabe o que é *radada*?

DOROTEIA (*Com um gesto que sugere a foda*) — Sei, querido.

FIO — Conta mais. Você me falou de cem homens e até agora foram quatro.

DOROTEIA — Do filho do fazendeiro eu me separei. Não porque eu quisesse, não tive saída. Ele só queria saber da amante. Resolvi me vingar da sorte e mandei ver. Quer? Toma.

FIO — Foram quantos?

DOROTEIA — Perdi a conta. Nem do nome eu me lembro.

FIO — Nem do instrumento?

DOROTEIA — Como?

FIO — Do instrumento, do sexo você não lembra?

DOROTEIA — Isso lá importa? O que importava era transar. Para me vingar da sorte e fazer a liberação sexual. Sem a liberação, eu hoje não poderia dizer: “Como é *goostoso* o meu francês”. (*Procurando seduzir Fio*)

FIO — Gostosa é você, Doroteia. Conta mais.

DOROTEIA — O mais é que eu me liberei e liberei os outros até encontrar um homem que não me largaria por nada. Foi muita cama quebrada e a verdade é que eu perdi a conta. (*Doroteia faz menção de pegar um lápis e um papel*)

FIO — Deixa disso. Só o que faltava agora é você escrever a lista dos seus amantes. (*Já com ereção, tenta se enrolar em Doroteia, que se afasta*)

DOROTEIA — Nem pensar. Põe a camisinha, Fio. De AIDS e gravidez eu não quero nem saber. Não basta já ter tido uma filha do François? Quando a menina me chamou de *maman*, eu estranhei. Será que ela está me pedindo suco de mamão? *Maman*, de novo? Não, era só o que me faltava! *Non, non e non*.

FIO — O que é que você tem contra os franceses?

DOROTEIA — Contra os franceses, nada. Tenho contra o fogão, a máquina de lavar louça, a máquina de lavar roupa. Da primeira vez, o François me perguntou: “Que máquina você prefere?”. Depois, era a máquina que chegava e pronto. Tive de todas. Começou com a melhor, uma alemã, Bosch. Agora, é a mais simples que existe, uma máquina qualquer... Perdi a conta do número de homens e de máquinas, do número de vezes que eu tive que apertar os botões.

FIO — O que você queria? Uma escrava para os botões?

DOROTEIA — Não, bastaria uma empregada em tempo integral.

FIO — Você quer assobiar e chupar cana ao mesmo tempo. Quer a França sem os inconvenientes da França. Quer *liberté. Égalité*, igualdade, você não quer.

DOROTEIA — Isso. É isso, é exatamente isso.

Trilha. Samba da Revolução Francesa.

FIO — *Ma chérie, ma chérie.*

E eles rolam.

CENA 6

Na sala de Doroteia.

FLOR — “Onde foi que você comprou o *body*?” Que pergunta Mon Chéri perguntou. Na *Galleries*, claro. Adoro a *Galleries*. *(Passa a mão no zíper que vai do meio dos seios ao meio das pernas e aí para e olha para a mão)* “E isso aí...? Isso o que é?” Você não sabe? Pensei que soubesse! Só o que faltava agora era eu ensinar o padre-nosso ao vigário, ensinar as coisas da França para um francês. Aí ele: “Me ensina a França, meu bem, ensina que eu gosto”. *(Flor passa a mão no flanco, excitada)* Depois, Mon Chéri quis saber quem me deu o meu nome. Papai, ora. Não vivia sem flores. Daí ele: “A flor que eu prefiro é você. Quero sentir o seu perfume. Vem”. Me fiz de gostosa. Não, ainda não. “Então, dança com esse *body* para eu ver”. *(Flor dança a mesma música que havia dançado anteriormente, Chameguinho, cantada por Elba Ramalho)* Quis saber o que significa a palavra *quente*. Será que ele não sabia? Quente, meu bem, é o café com leite, o queijo dentro do pão. Quando a gente se mistura é quente. Tudo o que faz o coração bater é quente. Daí ele, enlouquecido: “E *xodó* o que é?” Amor, paixão, quem a gente deseja beijar. “Então, vem, meu *xodó*.” Só se você disser que me ama. “*Je t’aime*.” Só isso? “Não basta?” Diz mais, diz. “Quando a gente ama, adiar é um crime. Por que adiar o momento nobre de viver o amor?” Daí, eu: “Mas, para viver o momento nobre do amor, que palavras você diz?” “As palavras todas. Eu te amo, eu sufoco, estou louco, não posso mais... De você eu amo tudo. O cabelo, a testa, os olhos, o nariz, a boca... e o corpo, Deus meu!” Nunca tinha ouvido isso tudo. Que chamego! Lá em Fortaleza, é só *vem cá*. Que mulher resiste a um francês? Vem cá, meu *xodó*.

CENA 7

Doroteia entra na sala quando Flor diz a última frase.

DOROTEIA — Pelo visto hoje você não trabalha, já chegou cansada...

FLOR — Cansada? Cheguei morta. A noite inteira com Mon Chéri e olha que ele dá no couro! Dá de dez em qualquer menino de dezoito anos.

DOROTEIA — Quantos anos ele tem?

FLOR — Sessenta.

DOROTEIA — E onde é que vocês se encontram?

FLOR — No Hotel des Mauvais Garçons.

DOROTEIA — O quê? No Hotel des Mauvais Garçons? *(Solilóquio)* O hotel onde eu vou com Fio.

FLOR — Acho que é Mauvais. Quem escolhe é ele e quem paga é ele, claro.

DOROTEIA — Em que quarto você ficou?

FLOR — Não sei, mas já fiquei em todos. Ontem, foi só o Manoel sair e eu me mandei pra lá. Ele saiu depois de ter arrancado todas as tomadas do computador. “Tu queres ficar nua na internet, não é? Tu és uma puta, mulher!” Ai, que ódio!

DOROTEIA — Ele arrancou de novo as tomadas?

FLOR — Pois é, dizendo que era para eu não me mostrar mais. Ele só usa a internet para ver mulheres nuas e depois imagina que eu também gosto de me exhibir.

DOROTEIA — Gosta um pouco, não é?

FLOR — Só para Mon Chéri, que me deu um penhoar transparente. “Para você usar sem camisola e sem calcinha”, ele me disse. Pus o penhoar, abri e fiquei olhando ele me olhar. Só com isso eu peguei fogo e, vupt, ele veio, entrou. Perdi a conta do tempo que ele ficou, estalando de gostoso. Mon Chéri tem quase 60 anos, mas ele é bom demais.

DOROTEIA — Só você mesmo, Flor... E você viu a lista das coisas que eu deixei para você fazer?

FLOR — Que lista?

DOROTEIA — A que está na sua frente. Ou será que você não enxerga? Não, não enxerga. Não põe óculos por mais que eu fale. E mesmo que pusesse óculos, não enxergaria. Porque você só tem olhos para ver e rever as cenas do Hotel des Mauvais Garçons. Você sai do hotel e continua lá. (*Rindo, porque Doroteia também está pensando nas cenas do Hotel de Mauvais Garçons, onde ela se encontra com Fio*)

FLOR — E, se não fosse o amor, a vida valia, Dona Doroteia? Sem o amor, o coração não bate. O que Mon Chéri quiser, eu faço. De costas, eu viro. De pé? Por que não? Encostada na parede com uma perna no chão e a outra para cima. Na beira da cama...

DOROTEIA — Chega, Flor.

FLOR — Tudo pela delícia daquele beijo. O resto é o resto.

DOROTEIA — OK. Mas e a lista?

FLOR — Que lista?

DOROTEIA — A lista de coisas por fazer. Vamos olhar isso logo. Se não, o François, que não suporta sujeira, briga.

FLOR (*Solilóquio*) — Ele briga porque ele está mal comido.

DOROTEIA — Anda, Flor.

FLOR (*Pega a lista*) — Isso aqui é o quê? (*Pergunta apontando um item da lista*) Lavar a máquina-de-la-var-rou-pa. Não entendo...

DOROTEIA — Claro, a máquina lava a roupa. Alguém tem que lavar a máquina, senão, ela não lava mais a roupa direito.

FLOR — E o alguém sou eu! Era só o que faltava. E qual o produto que eu devo usar para isso?

DOROTEIA — Qualquer sabão serve, desde que você esfregue um pouco. Qualquer *Gel Vaisselle* desengordura e não estraga as mãos.

FLOR — Tá bom. (*Apontando outro item na lista*) E isso é o quê?

DOROTEIA — A janela. Faz um mês que eu pedi para você limpar os vidros da janela.

FLOR — E para limpar os vidros da janela a senhora me dá quanto?

DOROTEIA — Não dou nada além do salário. Não basta ter garantia de emprego e um bom salário?

FLOR — Hum...

DOROTEIA — Se não quiser, não faz.

FLOR — Faço, faço, não precisa zangar. (*Flor sai cantando da sala para a cozinha*)